



"REBELIÃO" TEM UMA
INSPIRAÇÃO SUPREMA:
SER O FULCRO E O
PORTA-VOZ DUM MOVI-
MENTO POPULAR CON-
TRA A DITADURA E
PELA LIBERDADE

Rebelião

A HISTÓRIA UNIVER-
SAL É A HISTÓRIA DA
LUTA ENTRE ESTES
DOIS PRINCÍPIOS AN-
TAGÓNICOS: AUTORIDA-
DE E LIBERDADE

Bakunin

Edição Espanhola, 15 Abril de 1932

1.º ANO

PÁGINAS DO EXÍLIO

N.º 2

Portugal. — N.º avulso, .50; pacote de 25 ex., 10.00
Espanha. — , 25 c.; , 25 , 5.00

ENSINAMENTOS DAS DITADURAS

Estado e Capitalismo: reis e inimigo!

Este período de depois da guerra, caracterizado por uma revivescência e um exaceramento do velho e gótico espírito de Autoridade, que o ingrento espectáculo da grande chana universal despertou com a fera humana latente em todos nós, tem sido fértil em ensinamentos de toda ordem.

Não se cansavam os bonzos da Revolução Francesa, os primates da Democracia burguesa, os jacobinos, os demagogos e os pinhões de Rousseau, de conclamar em côro que o Estado moderno era—depois do fracasso do direito divino—a expressão da vontade popular, e que somente alicerçado na Justiça e no Direito, poderia manter-se.

Surgiram por toda a parte, por sobre a terra ainda empapada de sangue humano, os mais venenosos comunistas da Autoridade, representados pelas ditaduras de Mussolini, de Sidónio Pais e de Lenine.

E que vimos? Que, como os anteriores governos, as Ditaduras, a despeito da hostilidade geral, concitada pelos seus métodos de violência, se mantinham e conseguiram apoiadas não sobre o Direito, mas sim sobre as baionetas, levar a cabo o auto-de-fé das liberdades públicas e o embotamento da sensibilidade colectiva, que é missão de todos os sistemas de governo realizar.

Em Portugal a ditadura militar ofereceu-nos idêntico espectáculo. Tendo contra si a animadversão do país inteiro, meia-dúzia de generais caquéticos e de doutores Assis beatos, protegidos pelas matrahadoras dos organismos, armados, conseguem impor a sua desercionária vontade ao povo que os odeia.

Esta é a demonstração mais cabal da verdade e da justiça dos postulados anarquistas. De facto, o governo, o Estado, qualquer que seja o seu atributo, não é, não pode ser nunca, a expressão da vontade colectiva. E' antes e sempre, pela sua função histórica, a representação da vontade e a salvaguarda dos interesses duma minoria, convertida pelo exercício do poder em oligarquia. No dia em que a vontade geral coincidissem com a dos governantes, o Estado veria terminada a sua existência por desnecessária.

Todo o governo do homem pelo homem é opressão. Todo o Estado tem por missão, única e exclusiva, impor à maioria dos governados o cumprimento de determinadas medidas ditadas pelas conveniências particulares duma classe ou grupo. O mesmo na Itália, na China e na Alemanha, que na França, em Portugal e na Rússia. Não foge à regra a ditadura, que em nome do proletariado, exerce no país dos sovietes a burocracia do partido comunista, cujos dez milhões de filiados ditam as leis

cento e cinquenta milhões, que constituem a população russa.

Na U. R. S. S., como na Itália, na Bulgária, em França e em Portugal, os códigos e minam com severíssimas sanções todo o acto de rebeldia contra as leis estabelecidas. Na pátria do bolxevismo—pseudo comunista—da mesma sorte que nos países governados por socialistas, como a Alemanha e Espanha, os anarquistas e todos os que, em defesa dos interesses populares espésinhados, se alçam contra a tirania e a iniquidade económica, que em todos os países e também naquelas se evidenciam, são emmeradas sem dó nem piedad pelos órgãos repressivos do Estado.

E' que todo o Estado é instrumento de defesa de interesses particulares, nas mãos dos detentores dos privilégios. Não há Estado que viva sem a propriedade privada, de que se nutre, nem propriedade privada sem Estado guarda-costas e paratático.

Estado e propriedade privada, os dois factores do mal-estar social, são irmãos gémeos. A génese de um é a génese do outro. São, por outras palavras, a mesma hidra—a Injustiça—com duas cabeças: o Estado, e o Capitalismo. Assim, se queremos desembaraçar-nos de um, temos que cortar ao mesmo tempo os tentáculos absorventes de ambos. Porque, se deixamos o Estado e abolimos o Capitalismo, este ressuscitará em breve, como na Rússia. Se assassinamos o primeiro, deixando o segundo, este logo fará ressurgir, para sua defesa, o primeiro. São, como as irmãs siamesas, que tinham um tronco comum: inseparáveis.

Governo de casaca, de barrete frígido, de fascio ou de martelo, com o sr. António Maria, Cunha Leal, Mussolini ou Stalin!—I venha o Diabo e escolha!—são distintas modalida-

des do mesmo mal: a Tirania exercida pelo homem sobre o homem.

E' tempo já de que os trabalhadores—do cérebro e do músculo—capacitados dêste axioma, procurem, em vez de desperdiçar o tempo em mesquinhas e frustes lutas políticas, estirpar pelo raiz o cancro da Desarmónia social, substituindo o Estado opressor e o Capitalismo ladrão pela Federação livre de todos os produtores, que estabeleça, com a comunidade de todos os bens terrenos, o direito de todos ao trabalho e às alegrias supremas da Vida.

Nenhum governo, como nenhuma religião, puderam assegurar até hoje o bem-estar do Povo.

Impõe-se porisso, ante a bancarrota dos valores e dos métodos duma civilização caduca, a obrigação de ensaiar novos processos de vida.

Todos os que combatemos sinceramente pela Felicidade Universal, lancemos ombros a uma tarefa comum: cortemos de um golpe as duas cabeças do monstro da Injustiça Social: o Estado e o Capitalismo!

Carta de Lisboa

Nota politico-social

Vem-se notando, nos últimos tempos, da parte de certos sectores políticos, uma rectificação de atitudes relativamente à Ditadura. Este fenómeno pode definir-se em duas palavras: a política de "revirralho" está sucedendo-se a do "penetralho". Cada um dos antigos políticos procura infiltrar-se nas posições mais ou menos rendosas dos órgãos do Estado.

A questão cifra-se em que no fundo todos eles são eminentemente conservadores e porisso temem que um "revirralho" traga coisas parecidas às de Espanha—senão piores... E daí os esforços que fazem, no sentido de escamotear a revolução, ou pelo menos, de alijar a colaboração dos civis.

Nos arraiais operários, aproveitando este momento de obnubilação mental...
(Continúa na 2.ª página)

PORTUGAL É A BEIRA DO ABISMO

A ruínosa administração de Salazar

O Sr. Souza Gomes, em artigo que publicou no "Diário da Manhã" mostrava-se descontente, receoso mesmo, porque se volta em Portugal a fazer "política velha, política de campanário, política de sector, política à século 19, em vez de única e simplesmente se fazer política nacional, política social, política nova..."

E' realmente para temer o mau caminho que as coisas levam. E a julgar pelas notícias que nos chegam lá de dentro, ou a Irmandade Salazar-Carmona arrepiam caminho ou se assistirá a um novo pronunciamento militar, que beneficiará, não o "completo restabelecimento" da nação lusa, mas a instauração dum novo governo—desta vez descaradamente monárquico—, no qual teriam lugar Raúl Esteves e João de Almeida.

O que o Sr. Souza Gomes se livra de nos esclarecer acerca das consequências dessa desinteligência reinante entre as forças vivas da Ditadura. Mas como nós estamos suficientemente informados sobre as verdadeiras causas dêsse cada vez mais acentuado desprestígio em que caiu o genial ministro das Finanças—e da conseqüente desmoralização de quantos o defendiam, louvando e apoiando incondicionalmente a sua obra de "salvação económica"—, vamos aqui referi-las. Ainda que em breve ressenha, vamos dizer a origem dessa campanha que em Portugal se vem fazendo não só contra o ministro ditador, mas também contra a própria Ditadura, que não somente atascou o país num tremendo lodaçal de torvas paixões políticas, profundos ódios e inomináveis vinganças como também o conduziu ao bordo dum insondável abismo, onde cairá fatalmente se o povo não se levanta em armas para conquistar o direito de adminis-

trar directa e livremente os seus interesses.

Tôda a gente sabe que a Ditadura esperava poder salvar-se—como isso fosse possível!—salvando Portugal da ruína económica para onde estava sendo criminosamente impellido pelos repetidos erros e desmandados praticados por sucessivos governos da República.

A grande imprensa—à frente da qual figuravam já, naturalmente, o "Século" e o "Diário de Notícias"— pôs o Salazar nos cornos da lua, apresentando-o como o Messias desejado, o homem que pela sua honestidade, pelo seu talento e pelo conhecimento incomparável que tinha das questões financeiras seria capaz de levar as coisas a bom caminho.

—O orçamento—diziam—não podia continuar, como tem andado, nem comprometedor de equilíbrio!

E o mestre Salazar respondia: —Que o mais urgente e com Eu vou equilibrar o Orçamento!

—Mas o escudo? A quant' o nos exporá a baixa constante do escudo?

Ao que o mestre Salazar, imperitavelmente, opunha:

—Não desesperem. Já lhes mostrei onde reside o mal. Verão agora como o atacarei corajosamente, e a fundo!

Explicava em seguida como iria proceder—pois S. Ex.ª queria governar ás claras, e dirigia-se à nação pela imprensa, "com números"—, com palavras de efeito previamente estudado, mas nem por isso mentirosas que as dos seus antecessores, e concluía enfaticamente:

—Verão como saberei sanear e estabilizar o escudo!

E para conseguir os seus fins, não foram outros, nunca, senão de uma ideia, mesmo falsa que fosse da sua apregoada sabedoria, o ministro da... Ditadura (iamos a dizer Igreja) lançou mão de todos os artifícios, quando, "forçando as possibilidades do Tesouro", levou a efeito, em Londres, a famosa operação dos 3 milhões de libras, que foi desastrosas conseqüências devia ter.

Isso, porém, não bastou para a consecução do seu objectivo. O escudo alguns meses depois, caiu de novo. E com a sua queda, como era natural que succedesse, sofreram um forte golpe as maiores forças económicas do país. Mestre Salazar quis então realizar uma nova operação: transferir os 3 milhões de libras à paridade ouro. Mas o Governo inglês opôs-se à nobra do sábio ministro. Foi quando S. Ex.ª decidiu converter as libras em dólares, adquirindo em Nova York outro em barras—perdendo, em conseqüência desse negócio, tanto como 90 milhões de escudos!!

A verdade, porém, não foi dita nos jornais. Impediu-o a censura. E o...
(Continúa na 2.ª página)



Mais uma prova da obra de traição à própria República, em que há seis anos está empenhada a Ditadura Militar.

A presente zincogravura reproduz o cabeçalho duma das listas de subscrição a favor dum monumento ao rei Carlos e ao principe Luis, postas agora a circular, através do país, por uma comissão monárquica, chefiada pelo actual governador civil de Lisboa, o desclassificado major Moura, que, ao lado da corôa real, que encabeça o documento, pôs a respectiva autorização, como pode verificar-se, legalizada com seu nome e o carimbo

Carta de Lisboa Portugal á beira do abismo Arquivo de publicação

(Continuado da 1.ª página)

tal, tam propicio a messianismos, os bolxevizantes e os social-democratas procuram, sem resultados práticos, impingir a desacreditada panacea politica da segunda e da terceira Internacionais. Mas apesar dos rublos copiosamente vertidos na fogueira revolucionaria, as massas, cansadas de tiranetes de todas as cores, mostram as armas de S. Francisco aos novos candidatos a ditadores. Os ensinamentos destes longos anos de ditadura sobreviveram na sua fé libertaria.

O regresso á normalidade.

O regresso á normalidade... anormal de antes da Ditadura, periodicamente anunciada, foi uma vez mais um balão de ensaio. A anistia foi um novo anestésico. Pretendia-se, não anistiar, mas sim *anestésiar* os entusiasmos revolucionários populares.

A provar isto estão os seguintes factos: Por ordem do governo, foram novamente presos os 28 deportados politicos recentemente chegados de Timor no vapor: "Moçambique". Recolheram ao Aljube e seguiram, de madrugada, para Peniche, numa camioneta, que se voltou na estrada, resultando feridos gravemente alguns dos passageiros, caso que não foi sequer comunicado ás familias.

Foi afastado do serviço, durante seis meses, o professor do liceu de Faro, Sr. Leonel Pimentel de Almeida, acusado de desafecto ao governo.

Consta que a policia pretende proibir a realização de mais conferencias no Sindicato dos Profissionais da Imprensa. Na última, realizada pelo dr. Ramada Curto, as salas encheram-se completamente. Soltaram-se delirantemente "vivas" á Liberdade e á Imprensa. O dr. Brito Camacho, que presidia, viu-se obrigado a intervir: —"Mais baixo, rapazes! Senão, vamos partir todos a Timor!"

E, não bastando tudo isto, abre-se uma nova verba de mil contos para a Policia de Informaçoes...

A obra nacionalista.

A Ditadura prossegue activamente na sua tarefa de reconstruir o país, sobre uma base acentuadamente nacionalista. Como, porém, o Capital não conhece fronteiras, senão para os que o combatem, os ditadores veem-se, por vezes, obrigados a considerar a nação como uma colónia inglesa... Alguns tópicos dessa obra "nacionalista" da inspiração dos que ainda aguardam D. Sebastião:

Os dinheiros da C. G. dos D. e os territórios de Angola estão sendo, *paτριóticamente*, cedidos á administração e posse dos estrangeiros.

Na assembléa geral da Companhia Agrícola de Angola (Ganda), realizada nos primeiros dias do passado mês de Março, os delegados do Conselho de Administração da C. G. dos D., dona da maioria das acções, elegeram, para o Conselho de Administração dessa Companhia, 6 *administradores belgas* e 5 portugueses. Para disfarçar a desproporção, nomeou-se um advogado de nomeada (representante do "Banque des Colonies Belges"), para que o resultado da eleição desse 6 portugueses...

Espera-se em breve a chegada a chegada a Lisboa dum embaixador do governo inglês, que, sob o pretexto das pautas aduaneiras, vem negociar a entrega, por mandatos, á Alemanha e Itália, de parte dos territórios portugueses de Africa.

...E os aviões ingleses, surpreendendo a dormir o povo de Lisboa, e... espem-nos em cima o escarro do seu britânico desprezo...

O crime legalizado.

Continua a legalização do crime pelo Estado. A acrescentar ás noticias similares publicadas no número anterior, informarei que por decreto recente foi denegada autorização para serem demandados criminalmente os guardas nos. 41 e 44 da P. S. P. de Viseu, respectivamente, Delfim da Silva e Samuel Ferreira, no processo

(Continuado da 1.ª página)

vo—o pobre Zé pagante!—chegou a crer que o ministro das Finanças, por suas tão apregoadas e excepcionaes qualidades de "economista e financeiro inexcedível", tivesse realmente realizado lucros, nas operações que fez com Inglaterra e América, não se apercebendo de que o escudo continua, mais que nunca, desvalorizado, quasi sem cotação na Bolsa, sujeito como está ás constantes oscillações da libra.

Portugal está, portanto, mais seriamente comprometido do que estava antes da Ditadura. A sua situação nunca foi mesmo de tão aviltadora submissão. A Inglaterra, já pela dependência económica em que Portugal foi colocado perante ela, já pela vergonhosa e ultrajante subserviência dos homens da Ditadura, tem-nos na conta de súbditos seus. A terra lusitana não passa de ser, aos olhos da Gran Bretanha, um dos seus mais submissos protectorados. A isto foi reduzido Portugal. A essa situação de miséria económica nos conduziu o rev. Oliveira Salazar! A tanta abjecção moral e social nos sujeitou, ao proletariado português, o regime ditatorial a que preside o titere Carmona, que para glória da força armada que o apoia, tem galões de general!

Quando será que os trabalhadores portugueses se sentirão envergonhados de si mesmos, da sua prolongada, quasi criminosa letargia, decidindo-se a cortar inexoravelmente a cabeça da víbora?

A pé, povo de Portugal! A pé, trabalhadores! Nem mais ditaduras, nem mais alianças de guerra, nem dívidas que te aviltam, colocando-te na dependência do imperialismo estrangeiro!

M. C.

que, por sevicias corporais exercidas contra dois soldados suspeitos de conspiradores, que deixaram em estado pré-comatoso, lhes foi instaurado pelo promotor-de-justiça,

Até quando, ó Catilinas? J. P.

"Aos trabalhadores.—A. C. O. T.—o 29 de Fevereiro."

Com este titulo, recebemos um manifesto da central operária portuguesa. Nêle se desmascaram as manobras scissionistas, realizadas no seio do proletariado português pelos jesuitas vermelhos a soldo de Moscovo.

Alardeando, como é seu costume, por meio dum desperdício de papel —que não se sabe de onde lhes vem— cheio de infâmias e de calúnias aos que não comungam no Vaticano escarlata, uma força de que ninguém se apercebe, os demagogos da 3.ª Internacional haviam projectado—|||em nome da organização operária portuguesa|||—uma manifestação grevista revolucionária para o dia 29 de Fevereiro, manifestação que os aspirantes a commissários-do-povo foram os primeiros a traír, indo trabalhar. Tratava-se de fazer cre aos organizadores do movimento contra a Ditadura que as massas proletárias estavam com eles.

O resultado era de prever: foi o mesmo do ano anterior. O proletariado, farto de Messias, mandou-os, uma vez mais, bugiar...

"Contra a Dictadura—A colónia portuguesa de Marrocos."

E' um apêlo revolucionário aos portugueses residentes em Marrocos, feito por Almeida Junior.

"Um grupo de deportados de Timor á Nação Portuguesa."

Assim se intitula uma emocionante descrição da vida dos deportados em Timor, feita por um grupo de officis e civis evadidos daquela colónia e recenhegados a Espanha. Foca uma tragédia que Dante esqueceu. Apenas alguns parágrafos:

"Atauro, dada a pequenez da sua superficie e a carência de meios de comunicação, é um campo de concentração natural. O mar substitui o arame farpado e a espingarda vigilante das sentinelas.

No *Oe-Kussi* havia um verdadeiro campo de concentração, com profundos e largos fossos cheios de água e, volta, os postes do arame farpado. Metralhadoras em posição vigilante no campo de um alto próximo. Um mandante, á frente de uma força indígena e empunhando um chicote, va ordens.

Num e noutro ponto—os peores mas da Colonia—, o termómetro baixava ás oito horas da manhã 32 graus centigrados e as chuvas (era o dia de Outubro) começavam a encher terrenos em volta. Por isso a dum entrou juntamente com os prisioneiros, nos campos de concentração. Morte logo abriu sobre estes, paines do invisíveis, as negras asas acobardadas."

Ao acabar de ler este relato autoriza dum grupo de homens que deram evadir-se do túmulo de Timor para vir acusar ante o mundo os demagogos de todo um povo, não poder deixar de recordar com particular emoção aqueles mossos camaradas da ditadura democrática deportou sem prévio julgamento para as plagas africanas, donde, ao cabo duma estada de dois longos anos, a ditadura não transferiu para aquela colónia. Oceania os poucos que haviam sobrevivido aos horrores duma pena de morte sem condenação.

"Porque devemos ser libertários."

O Grupo Libertário da Gracia (L. G. L.)

boa) distribuiu, com este titulo, um folheto em que se foca nitidamente a posição dos social-democratas, pseudo-comunistas (figurino moscovita) e dos libertários, perante o problema da emancipação dos trabalhadores.

E' um folheto de doutrinação e esclarecimento, muito oportuno na hora em que, devido ao silêncio imposto pela censura, lavra uma grande confusão ideológica no espirito dos trabalhadores.

Federação dos Anarquistas Portugueses Exilados

Era nossa intenção publicar duma só vez as notas que redigimos sobre a Federação dos Anarquistas Portugueses Exilados, mas o pouco espaço de que dispúnhamos e a extensão deste trabalho se opuzeram á satisfação dos nossos desejos. Foi assim que deixamos sobre o mármore, bem contra vontade, a última parte, que a seguir publicamos.

Nos números seguintes ser-nos-á mais fácil dar, em pequenas notas, conta do que o Sec. Geral e os comités da FAPE vão pondo em prática, pelo seu desenvolvimento orgânico e pelo estreitamento cada vez maior das relações dos anarquistas portugueses exilados, tanto entre si como com a organização libertaria e sindicalista revolucionária de Portugal.

EMBARAÇOS E CONTRARIEDADES SEM FIM.

De todos os embaraços e contrariedades com que o S. G. tropeçou, houve um que, além da inutilização de todo o trabalho e gastos que se haviam feito, veio dificultar imensamente a tarefa de relações, que a "FAPE" se propôs levar a cabo. Referimo-nos á apreensão duma circular datada de 8 de Agosto de 1931, que tinha sido enviada para Espanha, em pacote, para daqui ser expedida, a titulo de economia postal, para cada grupo e individuo, mas que se perdeu... talvez nas mãos escamoteadoras da Policia Internacional. Mais tarde, depois de haverem sido formuladas várias reclamações, nos correios de Paris, um membro do Secretariado foi chamado a dar

da as explicações pedidas, e quando, passados talvez dois meses, supúnhamos decorrido tempo bastante para que ao expedidor fossem dadas as devidas explicações, recebia o respectivo camarada um novo convite para se apresentar na Central dos Correios, onde se lhe perguntava a que se referia o texto das circulares...

Nestas condições, quasi certos do que ocorria, nada mais nos restava que protestar contra o abuso cometido, pois que houve, indiscutivelmente, um inominável abuso, e desistir, como fizemos, da reclamação.

Com o tempo e o dinheiro que perdemos, não lucrámos mais que ver corroborada a velha convicção de que todos os truques de que pudermos lançar mão não são bastantes para vencer as mil e uma artimanhas que contra nós utilizam as forças governamentais de todos os países, numa significativa aliança de defesa dos seus interesses comuns.

A "FAPE" TEM, EM ESPANHA, DOIS COMITES

A nossa Federação, aos três meses de constituida, estava representada em Espanha por dois comités, cuja actividade tem sido mais ou menos constante.

O Comité de Madrid tem limitado a sua acção, por assim dizer, a uma sistemática campanha na imprensa, caracterizada pelo seu aspecto de franco combate e de acerba, mas inteligente e merecida critica do regime ditatorial. O Comité de Barcelona esse foi incon-

vigoroso elemento de propaganda, agitação e de relações com que contou a nossa Federação.

Tendo assistido ao desenrolar dos acontecimentos politico-sociaes que deram origem á fuga de Afonso 13 e á consequente implantação da República, o Comité de Barcelona participou de todo o movimento de agitação que empolgou o proletariado peninsular e que envolveu a formidável actuação dos nossos camaradas espanhóis da FAI, desde os assaltos ás prisões do Estado, ás vibrantes e grandiosas manifestações internacionais que tiveram lugar em Barcelona e Madrid, contra as várias ditaduras que sobreviveram á queda da que havia proclamado Primo de Rivera. Em todos os comícios que a Federação Anarquista Ibérica e a C. N. T. promoviam, a voz dos delegados de FAPE se fazia ouvir, profligando as injustiças do regime burguês estigmatizando a traição e o confusãoismo políticos, ou conicando o proletariado espanhol a proseguir na sua obra redentora, prelúdio de libertação do proletariado de toda a Península, onde Portugal sofre ainda o mais ignóbil sistema de compressão das liberdades públicas.

Pelos comités de Barcelona e de Madrid, fomos também representados nos congressos da FAI e da AIT, realizados em Junho do ano passado, na capital espanhola.

CAMPANHA CONTRA A EXTRADIÇÃO DE TRES CAMARADAS ITALIANOS.

Os Comités da "FAPE" em Espanha. - Notas sobre vários aspectos da nossa actividade.

crificios que temos feito não tem conta. Entretanto... o trabalho feito é bem reduzido.

Falamos ainda da actividade que o Secretariado Geral tem desenvolvido. Os últimos meses, passou-os o S. G. realizando um trabalho que poderíamos chamar de pura concentração e estudo. Aparte isso, uma correspondencia vasta, de sentido organizador, mantida regularmente, não só com os comités mas também com numerosos camaradas e grupos com que contamos, em Portugal mesmo, com a C. G. T., que desejamos ver continuamente integrada nos objectivos libertários que nos valeram o prestigio e a preponderancia que se soube impor brilhantemente, durante longos anos de lutas reivindicadoras.

Essa normalidade, porém, esse ritmo que monótono que vinha sendo observado no Secretariado Geral, foi um dia quebrado por um acontecimento imprevisto: a entrega a Portugal, pela República Espanhola, dos nossos camaradas Volonte, Bidoli Giovanni e Cuffia Cesare, anarquistas italianos, que pouco depois haviam de ser entregues impunemente—com choca diz-lo—ao facinoroso chefe do Fascismo.

Justamente alarmado pela noticia, o S. G. publicou imediatamente em "Le Libertaire" um veemente protesto, que foi entusiasticamente secundado por vários organismos sindicallistas e anarquistas, de entre os quaes destacaram, pela sua desassomburada attitude, a Confederação Geral do Trabalho Sindical

ENTRE A CRUZ E A ESPADA UM FOLHETO LIBERDADE

(Conclusão do n.º anterior)

SANGUE!

Mas o mais negro aspecto da ditadura militar portuguesa é, sem dúvida, o que a polícia nos oferece. Uma teia compacta de espionagem, constituída por alguns milhares de homens e mulheres, que absorvem ao erário milhões de escudos mensais, está organizada de norte a sul do país, sob a chefia de um desclassificado moral, o Capitão Paço, famigerado autor de varios desfalques, contos-do-vigário e assassinações. Os métodos empregados pela Polícia de Informação para dominar pelo terror os impetus de rebeldia popular vão da prisão pura e simples até o assassinato (mascarado com o eufemismo de *suicídio*), passando pela multa, pelo sequestro e deportação. De todas as partes do país os presos políticos são conduzidos a Lisboa, onde dão entrada no Aljube (Bastilha portuguesa), depois de passarem pela Polícia de Informação. Aqui, num compartimento interior, térreo, em gíria policial conhecido por "Casa das Ratas", os presos são submetidos às mais cruéis torturas morais e corporais—insultos, espancamentos, etc.—para os forçarem a declarar o que a polícia convém. O mais comum dos suplicios usados naquele tenebroso antro da Rua da Leva da Morte é o das algemas. Estas, freqüentemente ligadas à corrente eléctrica, são fixadas a altura suficiente para manter o desgraçado de pé. Nesta dolorosa posição e algumas vezes despidos, em pleno inverno, são os presos interrogados, entre golpes de cavalo-marinho e espancadas. Nos últimos tempos, a polícia criou um novo género de tortura: o "capacete eléctrico", que a polícia aplica à cabeça dos mais corajosos. É irresistível: o preso tem que terminar por dizer *sim* a tudo quanto os seus algozes pretendam.

ENTRETANTO, O MINISTRO NEGA

Em nota-officiosa, o ministro do Interior, "Cabo Mateus", permitiu-se há dias mais uma desvergonha: a de negar nos órgãos da ditadura as acusações feitas á sua polícia sobre maus tratos a presos.

Cumpre-nos por isso provar as acusações que tantas vezes fizemos em manifestos clandestinos e em correspondências para jornais estrangeiros. Basta para tal apontar meia dúzia de nomes, de entre os de tantas centenas de torturados por aquela Polícia. Aí vão alguns ao acaso, colhidos dentre uma enorme lista em poder do historiador Rocha Martins:

Fernando Antunes Alves, operário, ferido gravemente pela polícia à espadeirada e em seguida deportado; Paulo Caldeira, empregado público, mantido algemado e nú, num compartimento subterrâneo, escuro e húmido, durante 8 horas, foi barbaramente zurzido com tiras de caitchu e supliciado com instrumentos eléctricos, com os quais lhe queimaram os pulsos, as palmas das mãos, as sobrancelhas e o bigode; arrancaram-lhe as unhas dos pés com pesadas marteladas, e, suspenso numa trave, pucharam-no repetidas vezes, causando-lhe uma hérnia; José Alcântara, vendedor ambulante, espancado a cavalo-marinho, feito sentar na cadeira eléctrica e dependurado nas algemas, retalharam-lhe a pele e deportaram-no a seguir para as Colónias; António Arsénio, funcionário público, foi tão violentamente supliciado que enlouqueceu, por duas vezes, tentando, no cárcere, suicidar-se; António Godinho, oficial-de-justiça, de Poiars, enlouqueceu em consequência das torturas sofridas, suicidando-se (*) na esquadra-de-polícia do Caminho Novo; o estudante de Letras, Alvaro Marinha de Campos, depois de um espancamento que durou cinco horas, em plena escuridão, teve que ser trasladado para o hospital, expectorando sangue, com graves lesões pulmonares; Helodoro Caldeira, estudante de Direito, filho de Paulo Caldeira, atrás mencionado, esteve condenado durante três dias à abstinência completa de alimentos; o autor destas linhas, ao tempo estudante em Coimbra, esteve encerrado durante oito dias num calabouço daquela cidade, estreito e escuro, onde nem sequer o colchão cabia, onde para comer era necessário acender-se uma vela e cuja parede ressumava constantemente um líquido viscoso e pestilento de fezes de um cano de esgoto contíguo, daquele sinistro *in-bace*, saindo a

cio Ribeiro e José de Almeida foram condenados a dormir 40 dias, em pleno inverno, no chão duma estreita e húmida enxóvia, sem mantas nem qualquer espécie de agasalho; José Lopes, algemado e espancado; Pedro Baptista, proprietário do "Café do Coliseu", barbaramente agredido; Manuel Ribeiro, padeiro, preso com sua esposa, sofreram ambos graves torturas; João Antunes Ribeiro, comerciante, ferido pelos mesmos processos; Alvaro Silva, caixeiro, dependurado durante dez minutos, de cabeça para baixo, e nesta posição zurzido; Manuel Picado, Manuel Mota e Adelino Magalhães, polícias, espancados a cavalo-marinho e supliciados eléctricamente; João Duarte Costa, funcionário público, e Pires Marques, proprietário, ambos sexagenários, espancados impiedosamente; Martinho Piloto, farmacêutico, algemado e torturado; Carlos Abreu, Francisco Garcia, Joaquim Costa, Raúl Martinho, Sezinando Ponce, Armando Castanheira, Ricardo Lopes, José Francisco, Raúl Delgado e tantos, tantos outros, sofreram idênticos suplicios. Este último inclusivé foi golpeado a canivete enquanto o mantinham algemado.

O GOVERNO TEM CONHECIMENTO DE TUDO.

De tudo isto o Governo tem pleno conhecimento. Quando Germain de Sousa, filho do antigo secretário da C. G. T., Manuel Joaquim de Sousa, foi vítima das aludidas torturas, o escritor e jornalista monárquico, Rocha Martins, padrinho da vítima, ao ter conhecimento do facto apresentou-se a protestar, indignadamente, junto dos ministros e incluso de Carmona, aos quais apresentou depois o afilhado, que pôde mostrar-lhes as cicatrizes ainda vivas e relatar-lhes as sucedidas. Aquelas autoridades prometeram providenciar, mas as providências sofreu-as apenas o protestante: Rocha Martins foi preso e só saiu em liberdade, a instância de várias individualidades marcantes na política monárquica e da Igreja.

O DESTERRO E O CARCERE.

Nas tarefas das torturas aos presos têm-se notabilizado os seguintes agentes: Francisco Paço, "O Paço da Micas", José Ferreira, o "Carocho", Alvaro Duarte Costa, o "Alvaro da Facada", assassino do Visconde da Ribeira Brava, Rafael Martins, o "Marujinho" (que, mais tarde, roído pelo remorso, segundo uns, se suicidou, e segundo outros foi *suicidado* pelos seus co-algozes de Polícia, Serafim Julião, que fugiu para Paris com o produto de um desfalque na Polícia, José Manuel, o "Malhado", o "João do Porto" e o "Simões Trapalhão", caixeiro viajante duma casa alemã. Depois da tentativa revolucionária de fevereiro de 1927, algumas dezenas de revolucionários presos foram fuzilados no quartel de artilharia 3. Para os mais insalubres locais de África tem chegado a ser deportados doentes e velhos de setenta anos e mais (como Bernardo Lopes e outros, que tem transportado em maca, do hospital para bordo.

No Aljube (cárcere político), os presos estão submetidos às mais terríveis e desumanas condições prisionais. Em cada salão, com uma capacidade de 15 metros de comprimento por cinco de largo, fazem viver, na mais suja promiscuidade, cerca de quarenta presos. Estes são obrigados a ingerir uma alimentação constituída por feijões furados, batatas podres e peixe do guano. A noite é distribuída, em vez de café, uma intragável beberagem feita de pó de cacau dissolvido em água salgada. Os presos, sujeitos à mais férrea disciplina, são, pelo motivo mais banal, metidos no "segredo".

Eis, resumidamente, a situação do Portugal que geme sob as patas fascistas dos militares!

A consciência universal não vibrará em indignado protesto, ante tamanhos factos?

¿Onde estão os intelectuais que lançaram anátemas contra o *inferno russo*, onde morriam de fome milhares de crianças?

¿Que faz a democrática Sociedade das Nações, ante este viver angustioso e indigno de um povo civilizado?

R. N.

(*) Foi encontrado enforcado num cinto que não era o seu.

Os *beneméritos* do Socorro Vermelho Internacional, sociedade por cotas que o Vaticano escarlate, que hoje tem Staline por papa, creou—dizem—para assistir materialmente às vítimas da tirania dos Estados burgueses—não do Estado *proletário*, que mata anualmente na Sibéria centenas de camaradas nossos!—editou, há tempos, em Espanha, um interessante folheto intitulado *Portugal, bajo la espuela militar*.

Interessante—classificámos—por vários motivos, este folheto que, com o pretexto de combater a ditadura de Carmona, Leonardo Morais redigiu e Jorge Galvão ilustrou.

O primeiro é um jovem português de Salamanca, que há muitos anos não vai a Portugal, onde tem uns parentes afastados. Isto não o impede de confessar-se—embora sem lograr que o acreditem—emigrado político, perseguido pela ditadura, desde que um dia, na invicta cidade, deu um...espirro, ouvido por um esbirro da P. I. É um recente adorador do novo "senhor de todas as Rússias", que entrou nas filas burocráticas do Partido Comunista Espanhol, depois de ter batido, em vão, a várias portas, ao que parece em busca de solução para o problema da sua atormentada existência neste voluntário e romântico exílio de Madrid.

O segundo é um nosso ex-camarada, fugido, ao instaurar-se a ditadura, do novo inferno político, que éle tam bravamente tem profligado... nas columnas da "Solidaridad Obrera" de Valência.

A ignorância do que se passa em Portugal levou o autor do folheto a solicitar a um dos nossos camaradas de redacção os informes contidos no artigo que noutra lugar publicamos sob o título "Entre a cruz e a Espada", a esse tempo já largamente difundido na imprensa estrangeira.

Lamentavelmente, porém, o "camarada" Morais deturpou todos os elementos que lhe foram fornecidos. Olvidando que é despicendo exagerar ou adulterar os factos—já verdade basta e sobra para combater a Ditadura!—decidiu, entre outras coisas, assassinar, por sua conta e risco, todos aqueles que figuravam, como simples supliciados pela Polícia, numa lista que contém os nomes de muitos camaradas nossos.

O resultado foi que muitos daqueles que, homisiados há alguns anos, não têm cabal conhecimento do que se passa em Portugal, se inquietaram ao ler o folheto do Socorro Vermelho e derramaram algumas lágrimas pela memória dos amigos sepultados no vasto cemitério improvisado pelo jovem candidato a comissário-do-povo. Por outro lado, não foi menos grave a impressão produzida no Jardim Zoológico do antigo Teatro de Sam Carlos, cujas hienas exploraram a inexactidão do relato, oferecendo-a a todos quantos caíam nas suas garras como medida da veracidade de tudo o que afirmam os adversários da Ditadura.

¿Foi equívoco, amigo Morais, ou isto de matar anarquistas... no papel obedece a uma nova palavra-de-ordem de Moscovo?

Não sabemos, mas temos entretanto que concordar que é preferível assassiná-los no papel a exterminá-los na Sibéria ou em Kronstadt...

"Portugal bajo la espuela militar" foi editado, segundo se diz na capa, a favor dos emigrados portugueses, que até hoje não viram uma *perra chica* do produto da venda do aludido folheto...

Por nossa parte desde já declaramos que abdicamos da nossa cota parte, em favor dos nossos camaradas que gemem nos ergástulos do *paraíso* bolchevista...

lítico—que hoje aparece pela primeira vez publicado em língua portuguesa, viu a publicidade, há dois anos, no "SENNACIULO" (929-6.º ano), órgão de Internacional Esperantista Revolucionária. Graças à grande expansão internacional daquela publicação, o artigo foi traduzido e transcrito em inúmeros jornais de todo o mundo. Se o qui é-emos actualzar, quan-

-Liberdade! Es a Vida, o Sonho, o Ide

Vives na luz, no som, no ar que se respira
Cantam-Te no Infinito as asas do condor
e eu ando-Te a adorar no som da minha li

Tudo anseia por Ti, tudo por ti suspira
o meu alado irmão no azul, o sonhador,
o lío na selva, o mar, tudo, excepto a Mem
que, essa não pode olhar teu rútilo fulgor.

Suprema aspiração da Natureza, instinto.
¿O Liberdade, és Mãe, és Deus! ¿O Sol.

que em breve irás raiar por sôbre um m

Sonho, Ideal, scrás, em breve, realidade.
¿Não demores! ¿Depressa, ó bela, ó Liberd
—que quer noivar contigo o Prometeu: o P

Roberto DAS NEVES

Lobos no povoado...

Portugal é, desde ha muito, um povoado minado pelo lobos carneiros do Clero e Militarismo. Os lobos da Companhia de J e do Exercito, que umas vezes se disfata com a batina e outras com a farda militar, entre esses lobos famélicos que na manhã 28 de Maio desceram ao povoado nacional bre o povo desprevenido, destaca-se o Lobo Costa, major e actual governador civil do L to, com um passado de ignóbil videirinho, caçador de dotes de mulheres históricas e felonias à própria República iniciadas contração cometida em 4 de Outubro de m em cujo movimento estava comprometido, Batalhão de Caçadores 2.

Este Lobo, que com facilidade metamorfoseia a sua natureza animal, zurrrou ha poucos dias no Porto algumas asnicas, que vemos produzidas nos jornais portugueses. Algumas vozes do lobo-asno: "o nosso prestígio internacional e a intensa valorização da velha aliança luso-inglesa, bem demonstrada em recente inequívocas manifestações que Portugal dá à Inglaterra..." Outra: "A ditadura Militar deve-se a Ordem nas ruas, nas repartições, e contas e nas leis; deve-se a valorização da nossa moeda, uma defesa progressiva da Economia Nacional. Generosa para com todos, ela em legítima defesa castiga os seus adversários, e num esforço porfiado, procura conciliar todos os cidadãos sob a égide política da República.

Asseveramos aos leitores, porque conhecemos de sobejo a sua valentia e a sua coerencia, que este lobo traidor não é capaz de fazer soar novo estas asininas vozes no dia em que o Povo português se decidir a empreender a grande tarefa a todos os lobos que há seis anos infamam o povoado nacional, devorando as suas melhores rezes...

(Continuado da 2.ª página)

ta Revolucionaria, de França, e o Comité Internacional de Defesa Social.

Simultaneamente, o S. G. da *Fape* enviou aos governos de Portugal e de Espanha vigorosos protestos telegráficos, salientando a natureza inqualificavel do acto de expulsão, consumado, e da extradição pedida por Mussolini, e escrevia á Liga dos Direitos de Humanidade, de França, e á Secção Portuguesa da mesma instituição, que tem sede em Paris, está presidida pelo Dr. Antonio Sergio—refugiado político—, pedindo-lhes que fizessem ouvir a sua voz reclamando para os três anti-fascistas o direito de asilo acordado para os refugiados politico-sociaes, em conferencia internacional de quasi todos os países do mundo.

Também foi solicitada imediatamente a intervenção da C. G. T. Portuguesa, da Aliança Libertária de Lisboa e da U. A. P., á qual foi dirigido pelo S. G. da *Fape* um vibrante apelo. Mas tudo foi inútil. Haviamos sido prevenidos demasiado tarde. A extradição estava inteiramente concertada em segredo. Só a poderia ter evitado, realmente, o Governo Espanhol, dando aos três perseguidos o asilo tantas vezes invocado em França e em Portugal.